

Luz no fim do túnel

Fatores de ordem macroeconômica sempre afetaram de forma negativa a competitividade do setor primário nacional. E isso agora se repete, fazendo com que o esforço despendido em ganhos de produtividade e o espírito empreendedor do agronegócio sejam perdidos.

A taxa de juros elevada é perversa para a produção. O crédito rural a taxas controladas atende à cerca de 40% do orçamento de custeio das lavouras. Uma parcela substancial precisa ser captada em outras fontes. O *mix* entre a taxa de juros controlada e a livre de mercado representa um ônus financeiro pesado.

Já o câmbio com o real valorizado frente ao dólar causa impacto direto na renda do produtor, principalmente naquelas *commodities* com preço formado no mercado internacional. É o caso da soja, carro-chefe da expansão recente da área e da produção brasileira de grãos. Felizmente, na parte que toca às exportações, a situação preocupa, porém ainda não é dramática.

Além da macroeconomia, também as deficiências de logística e de infra-estrutura (armazenagem, transporte e portos) reduzem a competitividade do setor. E o problema se agrava à medida que a produção avança pelo interior do País. As distâncias aumentam e se faz necessário um controle sincronizado para levar a produção até os centros de consumo e para os portos. A lei de modernização dos portos e a privatização da Rede Ferroviária Federal, respectivamente, em 1993 e 1996, trouxeram benefícios substanciais. Agora, com a aprovação das Parcerias Público-Privadas, abrem-se perspectivas promissoras para os próximos anos. Esses temas merecem destaque nesta edição de **Agroanalysis**.

Mesmo com todas essas pedras no caminho do agronegócio, as expectativas são positivas. As recentes projeções da FAO, órgão da ONU para agricultura e alimentação, e da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

reservam um papel de destaque para o Brasil. O grande desafio é como administrar o ritmo de crescimento para não sacrificar renda e liquidez.

Com o alto endividamento do campo, o momento é de transição: um ajuste fino do agronegócio ao novo patamar de 130 milhões de toneladas. Isso passa por instrumentos de crédito adequados e na aplicação de uma política de seguro voltada à produção. Questões como a logística e a infra-estrutura ganham prioridade nesta fase.

Os números do agronegócio resultaram em sua enorme exposição e visibilidade junto à opinião pública. Diante disso, as lideranças do setor devem se preocupar com aspectos relacionados à imagem e à comunicação externa. De um lado, mostrar à sociedade em sua plena e total desvinculação com as atividades predatórias, como o desmatamento de florestas, e de outro, divulgar a tecnologia que permitiu a conquista sustentável do Cerrado, o plantio direto e a integração de grão e pasto, entre outras inovações.

Há outras questões básicas a serem desenvolvidas de forma articulada com o governo. O cumprimento das normas de sanidade ganha importância, principalmente diante do peso crescente das carnes nas exportações brasileiras. Esta exigência dos países importadores, tinha que endurecer ainda mais. Ações pró-ativas e firmes nas negociações internacionais são extremamente necessárias.

Diante do fraco resultado econômico da última colheita, o momento exige muita cautela, principalmente nesse período de tomada de decisão sobre o plantio da safra 2005/06. Não se nota o mesmo ânimo e pique das safras anteriores. A relação de troca está desfavorável. Mesmo com um recuo na área plantada e a menor adoção de tecnologia, não será de espantar um novo recorde de produção. É só lembrar que problemas climáticos levaram à quebra na colheita das temporadas 2003/04 e 2004/05. Se tudo correr bem, o quadro pode mudar e surpreender. ■